



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Naciel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 305 (50 reis)
Semestre 530 (300 reis)
Um ano 850 (500 reis)
Para fora do país acresce o imposto do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)

A peste alastra-se

O sorvedeiro sanguinolento da guerra acaba de tragar mais um povo—a Itália. Guerra de conquista, longamente calculada, negociada e preparada, e guerra dinástica, para salvação dum regime em perigo.

A monarquia italiana estava á beira do abismo. O movimento de junho, embora domado, fôra para ela uma violenta sacudida, que a deixara impotente para reprimir eficaz e completamente e dera aos partidos subversivos mais ousadia, mais confiança em suas forças, maior certeza de próxima vitória. A situação era análoga á que se seguiu em Portugal ao regicídio do 1.º de Fevereiro. Com uma diferença: dada a força e o ardor dos elementos social-revolucionários, a revolução iminente, embora se apresentasse de começo com carácter republicano, ameaçava transpor os diques previamente fixados pela burguesia democrática.

Mas veio a conflagração europeia. Repetidas vezes se salientou a importância que teve, como factor determinante do neutralismo italiano e da dissolução da Triplíce Aliança, a atmosfera política do momento, o perigo duma revolução que, em caso duma intervenção imediata em favor dos impérios centrais, teria então o inteiro favor popular.

Os dirigentes italianos principiaram a manobrar para tirar proveito das circunstâncias, servindo-se dos seus poderosos meios de sedução e de engano. Toda a união e todas as energias dos revolucionários sociais eram poucas para contrabalançar a nefasta acção anti-revolucionária da guerra.

A todos os males veio, porém, juntar-se a traição de alguns revolucionários, que desataram a incitar o Estado italiano a correr a salvação da civilização e a democracia e a destruir o militarismo—com uma guerra de Estado, com um exército de soldados á força! A imperialista monarquia italiana que, com a sua aventura tripolina, tem tantas culpas no desencadear da actual conflagração!

Em breve esses pseudo-revolucionários foram os mais furiosos partidários da intervenção, acamaradando com nacionalistas e chegando a invocar contra os seus antigos camaradas o emprêgo da guilhotina!

Infâmia sobre infâmia

De todos é conhecido o procedimento despótico e arbitrário do governo espanhol, proibindo o Congresso Internacional da Paz, e expulsando os delegados «estrangeiros» que iam tomar parte nele. Sim, ninguém ignora esta violência inaudita, este processo vergonhoso posto em prática por homens que a si próprios se denominam de gentes... *liberais*, mas que, intimamente, ainda conservam aquêlle espirito fradesco e inquisitorial dos tempos idos.

A prova concludente de que assim é, está á vista. Só os cegos é que não a poderão lobrigrar. O governo espanhol, não contente com as expulsões que ordenou, mandou prender os nossos camaradas López Bouza e Eusébio Carbó, pretextando ájesuitadamente a ária estafada dos «discursos violentos» por eles pronunciados.

Ora isto é uma nova infâmia, uma nova ignomínia, a que é preciso pôr cobro. Neste sentido, a

panhol os delegados estrangeiros entregando-os aos governos de seus países; contra todo o procedimento legal, encarcerando os nossos camaradas López Bouza e Eusébio C. Carbó; e valendo-se da denuncia dum eunuco, transformado á ultima hora em *censor prévio*, movê-lhes um processo que é uma verdadeira infâmia. Por fim, expulsa do país o nosso camarada Vieytes, sob a estúpida acusação de instigador á violência...

Povo, Trabalhadores!
Pensaréis, vós, em deixar passar sem um protesto tantos atentados, tantas barbaries, tantos insultos á dignidade humana? Se pelas vossas artérias corre sangue generoso, se tendes dignidade, deveis erguer-vos e, no meio dum protesto altivo, demonstrar aos tiranos que semeiam o pânico e a morte por terras de Espanha, que não estais dispostos a desempenhar o tristíssimo papel de tartufos e imbecis.

POVO—Para dar cabo das tiranias antigas, lutaram com denodo e com coragem os teus antepassados; para acabar com a tirania de hoje, só tu, se sabes lutar, poderás empregar os teus esforços.

Por isso, tens a palavra.

Os revolucionários não puderam evitar a guerra. Era aliás o que elles previam, o receio que eles manifestavam, sobretudo em cartas particulares. A sua acção, porém, visava sobretudo a estabelecer um sólido e claro ponto de partida para uma acção futura, após as calamidades e os desenganos, na hora de cóleras e de arrependimentos, em que se fixarão responsabilidades e se prestarão ouvidos ás razões hoje abatadas pelos rúmoreos guerreiros.

E nesse sentido, fizeram muito, se não tudo o que podia ser feito. Sem falar nas manifestações da última hora, sobre as quais só muito tarde teremos noticias seguras (algumas delas, como a greve de Turim, parecem ter revestido importância), devemos registar com louvor e alegria os esforços ardentes e audazes dos sindicalistas revolucionários, com o seu expressivo pendão *La guerra di Classe*—um programa inteiro neste momento; da entusiástica juventude socialista, clamando até ao fim a esperança duma revolta; e da generalidade dos anarquistas, apesar de particularmente perseguidos.

A esses valentes, na hora actual de angústia e de tortura, a nossa mais calorosa saudação e a expressão mais mais profunda da nossa solidariedade!

Comissão do Congresso da Paz, distribuiu ao povo o seguinte manifesto:

Cidadãos, Trabalhadores:
Parece que vivemos em plena era da canibalismo; parece que os raios do Sol da evolução ainda não iluminaram o solo de Espanha; assim, parece que a mentalidade dos governantes se fossilizou, quedando se sob a influência do império tenebroso da Idade Média com a agravante de lhe copiar todos os bárbaros procedimentos contra a liberdade de pensar e contra a vida dos homens. Porque hoje como ontem, as autoridades perseguem aqueles que pensam; e quando não os podem vencer por este meio, matam-nos de fome nas prisões, ou fusilam-nos, ou levam-nos perante o verdugo para que este lhes aperte o «garrote»

Em 1915, o governo espanhol, dando largas á herança que recebeu de seus antecessores, com alma de inquisidor como eles, proibiu atribiliariamente o Congresso da Paz; expulsa do território es-

panhol os delegados estrangeiros entregando-os aos governos de seus países; contra todo o procedimento legal, encarcerando os nossos camaradas López Bouza e Eusébio C. Carbó; e valendo-se da denuncia dum eunuco, transformado á ultima hora em *censor prévio*, movê-lhes um processo que é uma verdadeira infâmia. Por fim, expulsa do país o nosso camarada Vieytes, sob a estúpida acusação de instigador á violência...

Povo, Trabalhadores!
Pensaréis, vós, em deixar passar sem um protesto tantos atentados, tantas barbaries, tantos insultos á dignidade humana?

Se pelas vossas artérias corre sangue generoso, se tendes dignidade, deveis erguer-vos e, no meio dum protesto altivo, demonstrar aos tiranos que semeiam o pânico e a morte por terras de Espanha, que não estais dispostos a desempenhar o tristíssimo papel de tartufos e imbecis.

POVO—Para dar cabo das tiranias antigas, lutaram com denodo e com coragem os teus antepassados; para acabar com a tirania de hoje, só tu, se sabes lutar, poderás empregar os teus esforços.

Por isso, tens a palavra.

A hipocrisia do estado

Sempre que um Estado quer declarar a guerra a outro, começa por lançar e divulgar um manifesto dirigido, não só aos seus súbditos, mas ao mundo inteiro, no qual, pondo todo o direito do seu lado, mostra talento ou empenho em demonstrar que é elle a vítima cheia de sentimentos de humanidade, justiça e paz e que, animado por estes sentimentos generosos e pacíficos, sofreu muito tempo em silêncio, mas que a iniquidade crescente do seu inimigo o contrange a tirar a espada da bainha. Jara ao mesmo tempo que, alheio a qualquer conquista material e não desejando nenhum engrandecimento do seu território, porá fim a esta guerra logo que estiver restabelecida a justiça. O seu antagonista responde com um manifesto pouco diverso, no qual naturalmente todo o direito, a justiça e humanidade a todos os sentimentos generosos se acham da sua banda. Estes dois manifestos opostos são escritos com a mesma eloquência, são animados da mesma virtuosa indignação e são tam sinceros um como o outro, isto é, ambos mentem descaradamente, impudentemente, e só persuadem ou iludem os imbecis.

Os homens práticos, todos os que tem uma tal e qual experiência da politica, nem se dão ao trabalho de os ler, mas procuram destrinçar os interesses que impellem dois adversários a esta guerra e pesar as suas forças respectivas para adivinhar o resultado. O que prova que para o caso não entram de modo algumas considerações morais.

O direito das gentes, os tratados que regulam as relações entre Estados, isto não tem sanção moral alguma. Tão em cada época determinada da história, a expressão material do equilibrio, resultante do antagonismo mútuo dos Estados. *Enquanto houver Estados não haverá paz.* Haverá unicamente tréguas mais ou menos longas, armistícios de guerra entre esses beligerantes eternos que são os Estados; e logo que um Estado se sinta sufficientemente forte para romper aquêlle equilibrio em seu proveito, não deixará de o fazer. Toda a história o prova delumbrentemente.

MIGUEL BAKUNINE.
(Ouvres, vol. II, p. 61).

Mau agoiro

Os jornais noticiaram um dia destes que a policia effectuou uma busca na sede da Juventude Sindicalista de Lisboa, nada sendo encontrado de suspeito. Que as buscas remexam os centros caracterisadamente monárquicos, admite-se nesta occasião em que os rialistas se julgavam já triunfantes e dada a fé do povo em não consentir que isto volte para trás; mas que as suspeitas das autoridades se tornem extensivas ás agremiações reconhecidas operárias, e por isso mesmão tuteladas a qualquer politico ou grupelho, é revoltante.

A aludida violência é sintomática, é um grave prenúncio; parece querer marcar o seguimento de uma vida velha de perseguições e discórdias, de intolerâncias e vexames, que nos aviltam a todos e cujos resultados negativos não dignificam os que os praticam.

Fez-se uma revolução em Lisboa para defender a Constituição pura e integra, diz-se. O povo, quase em massa, acorreu ao Arsenal de Marinha a armar-se. Bateu-se com denodo, com altruismo, com o sacrificio da sua própria vida. Ainda desta vez quem inspirou o génio popular, quem o tornou altivo, forte e valente, quem o levou a derramar o sangue quente e generoso das suas veias, desperdiçando-se pelas ruas da capital, foi a idea da Liberdade, a repulsa pelo Passado, o seu muito amor ao Progresso.

O sistema republicano consolidou-se definitivamente em 14 de maio. Pôde, impulsionado pelos novos ideais, ser forçado a caminhar para a frente; mas já mais recuará, para dar passagem a um regimen deposto e de iguominias.

Aos vivas á Constituição, o povo, junto com a tropa, derrubou um ditador. Bem, agora deve-se entrar num período franco de liberdades. Deve permitir-se a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, a liberdade de organização e a liberdade de imprensa. As perseguições aos trabalhadores e as hostilidades desleais dirigidas contra as suas associações de classe devem cessar. Foi o desejo demonstrado pelos trabalhadores com a sua valiosa intervenção no acto insurreccional de Lisboa.

Derrubada a ditadura governamental, os Governos que se seguirem, para mostrarem de um modo evidente que não são ditadores nem para lá quem caminhar, têm de deixar que os trabalhadores se organizem nas suas associações de classe, para pôr um freio ás avarezas do ditador-industrial e do ditador-comerciante, estendendo-se a sua acção ao ditador governamental, quando se ofereça occasião, como na manhã de 14 de maio. Isto não é um favor que se pede, é um direito que se reclama e que está consignado na Constituição, pela qual o Povo batalhou energicamente.

Os Governos republicanos, com a brilhante lição ultimamente dada pelo Povo do sul e parte do norte, não pôdem alegar, como tantas vezes o têm feito, que os operários conscientes andam mancomunados com os monárquicos. Arrelados todos os perigos de uma restauração monárquica, desapareceu-lhes esse ardiloso pretexto para dissolver arbitrariamente os sindicatos, trancando-lhes as portas e levando-lhes dinheiro e móveis; fugindo-lhes essa história, não ha motivos para recear que a imprensa operária e revolucionária esteja

vendida aos reaccionários, como antes afirmavam.

Postas as coisas neste pé, os Governos estarão dispostos a bem servirem a liberdade? A vêr vamos. Eu quase que posso dizer que não me parece que assim aconteça; mas como pôdem do lado chamar-me pessimista, mas um pessimista anarquista, que quase nunca falha, limito-me a ficar na expectativa.

Todavia, o facto das autoridades republicanas rubuscarem a Juventude Sindicalista, é um mau preságio, talvez o prólogo de um drama de perseguições e violências que porventura venham a usar contra os trabalhadores conscientes.

A Juventude Sindicalista não se pôde contundir com os centros monárquicos, porquanto ella representa, por assim dizer, um traço de união entre os operários moços de diferentes officios, preparando-os para exercerem uma acção proficua adentro dos seus sindicatos, que têm por objectivo a defesa dos interesses dos que trabalham e obstar aos desmandos e represálias dos patrões. Fôco de revoluções? Ainda neste caso não existe motivo sufficiente para o perseguir, porque, então, lá se está a desrespeitar a Constituição, pela qual tantas vidas se sacrificaram, criando-se a imoralidade do privilégio. O Directorio do Partido Republicano Português tem a missão de fomentar tantas revoluções, quantas forem necessárias para assegurar o respeito e a supremacia daquelle diploma Constitucional. Para isso, o seu órgão principal, *O Mundo*, publicou, ha dias, em grosso normando, um apêlo aos republicanos sinceros para contribuírem com alguma coisa para o seu cofre, atendendo ás despesas feitas com a ultima revolução e ainda á sua missão não ter terminado, pois continua sendo a sentinella vigilante da republica.

Ora a Juventude Sindicalista tem por missão vigiar atentamente os interesses dos produtores e promover, tantos quantos forem precisos, movimentos de energia contra a acção repressiva patronal, comercial ou governamental, missão que não deu por finda, porque ainda continuamos sob o regimen capitalista.

Na Juventude Sindicalista só há uma politica—a dos interesses dos trabalhadores, a do seu levantamento moral e de solidariedade, que na la tem que vêr com a politica profissional.

Por aqui se vê que toda a acção das autoridades republicanas contra as organizações operárias é parcial e ilicita, dispensando favores ás agremiações que têm por léma fabricar insurreições politicas, e perseguindo sistematicamente as que têm por dever fazer respeitar os direitos dos oprimidos.

O assalto á Juventude Sindicalista é muy sintoma:—parece marcar no termómetro das violências o inicio de novas perseguições; mas se tal succeder, se a a imprensa revolucionária e operária continuar a ser perseguida; se as associações de classe continuarem violentamente a ser lacradas; se os operários ativos e conscientes coatinuarem no exodo de abarrotarem as prisões, permanecendo ali dias e meses sem culpa formada; se persistir o Estado em favorecer com a sua parcialidade criminosa os delictos dos patrões e os açambarcamentos dos comerciantes, então caímos na ditadura, e neste momento o povo trabalhador tem o